

As ondas do rádio na nova capital em construção: A Rádio Nacional de Brasília (1958-1960)

Las ondas de radio en la nueva capital em construcción: La Radio
Nacional de Brasilia (1958-1960)

José Gomes do Nascimento
Doutorando em História
Universidade de Brasília (UNB)
josegomes.14@hotmail.com

Recebido em: 30/04/2022

Aprovado em: 20/10/2022

Resumo: Este texto objetiva analisar a história da Rádio Nacional de Brasília na construção da nova capital, Brasília, no que concerne ao início das suas atividades radiofônicas (1958-1960). Em um primeiro momento, veremos que o final da década de 1950 ainda era de afirmação do rádio como meio de comunicação de massa, por isso foi utilizado também como veículo divulgador da iniciativa de construir Brasília. Analisa-se no estudo a relevância do rádio como meio de comunicação no Brasil e como ele foi aproveitado politicamente no governo de Juscelino Kubitschek. É a partir disso que investigamos, em um segundo momento e a partir do conceito de memórias e representações, como JK utiliza-se Nacional de Brasília para divulgar e propagar a nova capital, esta que além de ter sido inaugurada para ser mais um difusor da nova capital, foi também meio de entretenimento destinado, sobretudo, aos moradores e trabalhadores locais.

Palavras-chave: Memórias; Atividades radiofônicas; Rádio Nacional de Brasília.

Resumen: Este texto pretende analizar la historia de la Radio Nacional de Brasilia en la construcción de la nueva capital, Brasilia, especialmente con respecto al inicio de sus actividades radiofónicas (1958-1960). Al principio veremos que el fin de la década de 1950 aún era de afirmación de la radio como medio de comunicación de masas, por eso se utilizó también como vehículo para dar a conocer la iniciativa de construir Brasilia. El estudio analiza la relevancia de la radio como medio de comunicación en Brasil y cómo fue explotada políticamente durante el gobierno de Juscelino Kubitschek. Es sobre esta base que investigaremos, en un segundo momento y a través del concepto de memoria y representaciones, cómo JK utilizó la Nacional de Brasilia para divulgar y propagar la nueva capital, que además de haber sido inaugurada para ser otro medio de difusión de la nueva capital, fue también un medio de entretenimiento, especialmente para los residentes y trabajadores locales. Por lo tanto, se pretende establecer un análisis mediante el uso de algunos conceptos históricos como la memoria, la representación y el discurso.

Palabras clave: Memorias; Actividades radiofónicas; Radio Nacional de Brasilia.

Companheiro inseparável: o rádio no governo de Juscelino Kubitschek

Na pesquisa *Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília*, que analisa os mecanismos de propaganda utilizados no governo de Juscelino Kubitschek (JK), Georgete Medleg Rodrigues (1990) afirma que o rádio foi um veículo de comunicação de massa muito utilizado por JK em suas propagandas políticas, sobretudo, para defender o Plano de Metas do seu governo, e com isso, a construção da nova capital. Mas, para a historiadora, não foi possível detectar em sua análise uma montagem de aparelhos de propaganda específica no governo JK - se comparado com a que existia na ditadura de Getúlio Vargas. No governo de Vargas foi criado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP),¹ que acabou funcionando também como um instrumento de censura. Obviamente, trata-se de regimes e períodos diferentes, no entanto:

Podemos identificar no governo Kubitschek um “núcleo” de elaboração, sistematização e divulgação da ideologia, que se localizava no Ministério da Educação e Cultura, seguindo uma tradição que vinha desde o governo Vargas. Era a esse órgão que estava subordinado o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, que tinha como proposta, entre outras atividades, elaborar instrumentos teóricos que permitissem o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional. (RODRIGUES, 1990, p. 36).

Isso posto, Rodrigues (1990) mostra-nos que havia uma preocupação do governo JK em sistematizar e divulgar a sua ideologia, como também foi feito na era Vargas. Não é objetivo deste texto aprofundar na análise da relação entre o Iseb² e o governo de Juscelino Kubitschek, já realizada por Márcio de Oliveira no artigo *O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas* (2006). Conforme o pesquisador, um grupo de intelectuais do instituto, desde a sua fundação, empenhou-se na elaboração de “(...) pesquisas e reflexões teóricas sobre a questão do desenvolvimentismo”. (OLIVEIRA, 2006, p. 493). Neste primeiro momento, interessa-nos a relação entre os mecanismos da propaganda do governo de JK, sobretudo, o rádio e seus artistas e colaboradores.

Sendo assim, este texto analisa a história da Rádio Nacional de Brasília na construção da nova capital (1958-1960). Para tanto, primeiro examinaremos a presença do rádio na década de 1950 e sua

¹ Cf/BRASIL. Decreto-lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Que cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Rio de Janeiro, 27.dez. 1939. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-ublicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em: 03 fev. 2022.

² Para mais informações sobre o Iseb consultar TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1978.

relevância como meio de comunicação, bem como foi utilizado no governo JK. Já na segunda parte, analisaremos representações sobre a rádio e suas relações com a história de Brasília.

De acordo com Maria Leandra Bizello (2007), ao analisar o governo JK por meio de cinejornais, JK possuía um grupo de intelectuais que escrevia seus discursos. Desde o período em que era governador de Minas Gerais, “a preocupação em falar e cooptar o público foi tratada com cuidado pelo presidente que sempre se cercou de poetas, escritores, intelectuais, cientistas e artistas”. (BIZELLO, 2007, p. 5). Logo, a proximidade de JK com esses sujeitos, em conformidade com Bizello (2007) e Oliveira (2006), decorre do desejo de consolidar mais apoio às suas políticas por meio de uma produção teórica de promoção e reflexão ideológica.

Como lembra Rodrigues (1990), JK utilizou-se de variados mecanismos para montar um esquema de propaganda de Brasília, não apenas o rádio como também a televisão, jornais, revistas e a produção de cinejornais. Mas engana-se quem pensa que a propaganda era realizada apenas pelos meios de comunicação de massa, ela ocorria também através do que a pesquisadora chama de “corpo a corpo” com a sociedade, que consistia em patrocinar conferências, palestras, congressos etc. - no país e no exterior -, sempre com a presença de funcionários do governo, membros da diretoria da Novacap ou outros funcionários da empresa estatal. Uma outra forma empregada era “(...) a propaganda no próprio território, no palco onde se desenrolava o acontecimento, isto é, no canteiro de obras. Essa investida significava atrair para o local o maior número de visitantes possível, de preferência figuras ilustres, tanto do país como do estrangeiro.” (RODRIGUES, 1990, p. 38). Assim, tornaram-se variadas as formas de propagação da ideologia nacional-desenvolvimentista de JK.

Dentre essas formas de propaganda, interessa-nos a realizada pelo rádio por ter sido um dos grandes meios de comunicação em massa da década de 1950 e por ter sido, através do programa *A Voz do Brasil*³ e da emissora Rádio Nacional, o principal divulgador dos ideais do governo JK. Logo, os discursos do então presidente por esses meios de comunicação, “cumpram um papel determinado e fundamental na divulgação do ideário oficial”. (RODRIGUES, 1990, p. 41). Até por isso, durante seu

³ Em relação ao programa *A Voz do Brasil*, que se caracteriza por ser um noticiário estatal e obrigatório, há de se ressaltar que se trata do programa mais antigo da história do país e da América Latina. Ele foi criado em 1938 com o nome *Hora do Brasil* pelo governo de Vargas – vinculado ao Departamento Nacional de Propaganda (DNP), que depois se transformaria no DIP, no ano de 1939 -, com a finalidade de difundir os projetos e propostas do governo. No ano de 1965, a sua nomenclatura atual foi adotada.

mandato, JK utilizou 47 vezes o programa para difundir suas ideias, aproveitando-se especialmente das datas importantes no calendário religioso da população.⁴

Para Rodrigues (1990, p. 42), “através da Voz do Brasil foram transmitidas as principais justificativas do governo para legitimar e mobilizar a sociedade em torno da transferência da capital”. Um diferencial de JK no uso do programa refere-se ao tom intimista, de ‘conversa’ no rádio, pois o ex-presidente procurava findar com “as barreiras entre o chefe de Estado e os seus comandados. Instaura, portanto, um novo pacto entre locutor e interlocutor” (RODRIGUES, 1990, p 48).

A Rádio Nacional também foi bastante utilizada por JK. Mais conhecida pelo seu prefixo PRE-8, ela iniciou suas atividades 12 de setembro de 1936, quando pertencia à mesma empresa do jornal *A Noite*. Em 1940 a rádio passou a ser patrimônio do Estado por meio de uma tomada de posse (encampação), como já havia ocorrido com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - também pertencente ao grupo *A noite* -, que passou a se chamar Rádio Ministério da Educação (ou Rádio MEC-Rio) no Governo Vargas.

Para Valci R. M. Zuculoto (2010), a Rádio Nacional era uma das maiores expressões da *Era do Ouro* do rádio no Brasil⁵ na década de 1940 e sua programação era integralmente comercial, mesmo após a incorporação ao patrimônio da União, a qual “foi dada a missão de ser popular, no sentido de alcançar a massa, conquistar um grande público (...)” (ZUCULOTO, 2010, p. 102). Apesar disso, como alude a estudiosa Miriam Goldfeder (1980, p. 42), a emissora não recebia financiamento oficial, uma vez que possuía “uma organização empresarial, altamente centralizada e administrada através de departamentos com funções definidas”. Assim sendo, era sustentada por verbas publicitárias, o que lhe permitia manter uma equipe enorme, com bons salários.

Ainda assim, não podemos esquecer da serventia política da emissora citada por estar atrelada ao Estado. Como explica Ronaldo Conde Aguiar no livro *Almanaque da Rádio Nacional* (2007), a encampação da rádio atendia a certos objetivos políticos governamentais como o de levar um conjunto de mensagens para os muitos e mais remotos lugares do Brasil, que é um país de proporções

⁴ Ele fez uso também de datas históricas como Natal, Ano Novo, Dia do Trabalho, Independência do Brasil etc. Deste modo, recorria ao rádio (em especial ao programa citado) nos momentos de mobilização dos trabalhadores, crise militar ou ataques da imprensa. (RODRIGUES, 1990).

⁵ Essa era a fase “do rádio espetáculo, das grandes produções radiofônicas – de radionovelas aos programas de auditório e musicais, das orquestras próprias, cantores e conjuntos exclusivos das estações.” (ZUCULOTO, 2010, p. 101).

continentais. Esse serviço orientado é significativo, pois, mesmo não sendo financiada, a rádio servia a ideais do Estado no que diz respeito à divulgação da sua ideologia.

A historiadora Lia Calabre traça um panorama do período em que a Rádio Nacional teve maior audiência. A “PRE-8” criou, especialmente entre 1945 e 1955, um modelo de programação que foi seguido pelas demais estações em todo o país e que se apoiava em quatro núcleos: a música, a dramaturgia, o jornalismo e os programas de variedades. Destaca-se na Rádio Nacional o espaço cedido para a música brasileira, as radionovelas, os radioteatros, e os programas de variedades, sobretudo, os de humor e de concursos.

Conforme Calabre (2004), foi dos programas de variedades que surgiram apresentadores famosos como César Alencar e Paulo Gracinho que contavam com um público que superlotava os auditórios da Nacional. Na época, outro programa de sucesso foi o noticiário Repórter Esso, que serviu de modelo para jornais radiofônicos de outras emissoras e foi líder de audiência até meados da década de 1960, quando migrou para a televisão.

Dito isso, o governo JK soube aproveitar a rádio como instrumento a serviço do Estado, especialmente em seus discursos. O ex-presidente mantinha uma relação de proximidade com os acontecimentos da rádio e participava de premiações da emissora, tanto que se opta pela construção de uma Rádio Nacional em Brasília – ainda que a nova capital estivesse em construção.

Brasília e a inauguração de nova Rádio Nacional

Ainda no ano de 1957, o periódico *A noite* divulgou diversas vezes a intenção do governo de criar uma filial da Rádio Nacional em Brasília. Como visto, o jornal era parte da mesma empresa que fundou a Rádio Nacional e, com isso, também patrimônio do Estado. Após seu fechamento em dezembro daquele mesmo ano, alguns funcionários do periódico foram transferidos para a rádio⁶ e, antes mesmo do fechamento, o mesmo jornal havia inaugurado uma sucursal na cidade em construção⁷, o que teria aberto caminho para a criação de uma nova rádio na futura capital.

⁶ Cf SINDICATO ESTUDA MANDADO DE SEGURANÇA PARA FAZER CIRCULAR “A NOITE”. *A Noite*, Rio de Janeiro, nº 303, 1º caderno – p. 11, 31 dez. 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/82669. Acesso em 03 de fev. 2022.

⁷ Cf JUSCELINO INAUGURA SURCUSAL DE “A NOITE” E RÁDIO NACIONAL EM BRASÍLIA. *A Noite*, Rio de Janeiro, nº 15.757, 1º caderno – p. 2, 28 out. 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/45027. Acesso em 03 de fev. 2022.

Ao longo deste texto, sobretudo nessa segunda parte, faremos o uso de periódicos para traçar uma análise do contexto, fatos e discursos sobre a rádio. Não queremos, contudo, como alerta a Tania R. de Luca (2008), fazer a dissociação do conteúdo da publicação dos jornais do seu lugar na história da imprensa brasileira, tomando-a como objeto único e isolando-a do histórico do periódico. Segundo Luca (200, p. 140), é preciso, ao utilizar a fonte, “dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”. Como bem sabemos, a Novacap possuía um departamento para gerenciar a propaganda de Brasília através dos meios de comunicação, assim os jornais eram pagos pelas matérias sobre a nova capital.

Conforme o *A noite*, JK confraternizou com artistas do rádio e da televisão carioca em Brasília em dezembro de 1957. Segundo a reportagem, também participaram da festa os operários que construía o Palácio da Alvorada, os quais teriam presenciado em massa o acontecimento. O jornal ainda afirmou:

Juntamente com o Dr. Ernesto Silva, diretor-administrativo da ‘Novacap’, os representantes da Rádio Nacional examinaram o terreno onde estarão instalados, em breve, os estúdios e transmissores da maior emissora do continente. [...] Os artistas da Rádio nacional não ocultaram, também, seu entusiasmo pela próxima inauguração da Rádio Nacional de Brasília, manifestando o desejo de, frequentemente, se apresentarem ao microfone da mais nova emissora brasileira⁸.

O discurso do periódico sobre o evento, que contou com a presença do representante da Rádio Nacional Leony Mesquita e seus famosos artistas, substanciou a proximidade que Kubitschek mantinha com os meios de comunicação como forma de utilização para a propaganda do seu governo, especialmente a favor de Brasília. Assim, como afirma Georgete M. Rodrigues (1990), a divulgação de Brasília por meio do rádio foi tão importante que foi inaugurada oficialmente na capital em construção a *Rádio Nacional AM de Brasília*, no dia 31 de maio de 1958, com ondas médias e curtas que alcançariam todo o Brasil.

Após ser montada em apenas quatro meses (SALVADOR, 2016), a Rádio Nacional de Brasília estabeleceu-se em um galpão-auditório provisório durante os seus primeiros anos. Esse local foi cedido pela Novacap na quadra SQS 507 do Plano Piloto, às margens da avenida W3 Sul. De acordo com as

⁸ VISITARAM BRASILIA O SAMBA E O MORRO. *A Noite*, Rio de Janeiro, nº 15.800, 1º caderno – p. 3, 19 dez. 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/45913. Acesso em 03 de fev. 2022.

jornalistas Nathália Mendes e Yvna Sousa, foi somente após dois anos atuando de forma provisória que a rádio foi transferida para um novo prédio no Setor de Rádio e TV Sul.

Alguns jornais da época noticiaram a inauguração da nova rádio. Entre os principais pontos abordados, é recorrente nas reportagens o destaque dado ao *Programa do César Alencar*, líder de audiência na Rádio Nacional, o qual foi transmitido diretamente do auditório da nova rádio. Ainda conforme consta nos periódicos, a solenidade contou também com o hasteamento da Bandeira Nacional, um almoço no aeroporto e a inauguração dos transmissores da nova emissora.

Além da participação de personalidades na inauguração, registrada pelo fotógrafo oficial da presidência Mario Fontenelle, alguns periódicos também enfatizaram o discurso de JK, sobretudo para mencionar a importância da rádio para construção de Brasília. No discurso, o ex-presidente reafirma a relevância da rádio:

Das vertentes amazônicas às coxilhas gaúchas, e dos contrafortes andinos ao litoral atlântico, Brasília fará ouvir a sua voz, a partir deste momento, graças aos possantes transmissores da “Rádio Nacional”, que ora inauguramos. Milhões de lares disseminados nos mais recônditos recessos do nosso território participarão, assim, de ora em diante, da presença física e da convivência de Brasília, e reconhecerão a fisionomia familiar desta nova metrópole. [...] A Rádio Nacional de Brasília, ora inaugurada, terá a responsabilidade de atuar como traço de união entre o Brasil atual e o Brasil do futuro, criando condições propícias para a convivência e para o intercâmbio cultural das nossas comunidades regionais (KUBITSCHKEK, 1958, p. 233-234).

Evidencia-se no discurso que a Nacional de Brasília objetivava comunicar diariamente os acontecimentos da nova capital. Em sua fala, JK enfatiza o tamanho do Brasil e a importância de unir todas as regiões, no qual são destacados o patriotismo e a integração nacional, temáticas do seu plano desenvolvimentista que tinha Brasília como meta-síntese. No entanto, como em outros eventos, observa-se que o então presidente da República utiliza-se da nova rádio para reafirmar seu ideário. A rádio, segundo JK, faria com que os brasileiros participassem da construção mesmo que de longe.

Na mesma cerimônia, o político Israel Pinheiro, então presidente da Novacap, reforça essa suposta importância de Brasília para o desenvolvimento do país. Para ele, a inauguração da rádio seria mais uma forma de “prestar contas” sobre as obras, tanto aos entusiastas quanto também aos descrentes⁹. Assim sendo, cabe destacar que a fundação da nova Nacional em Brasília ainda em 1958

⁹ Discurso apresentado na Revista *Brasília*. Cf NOVACAP. *Revista Brasília*, ano 2, nº18, junho de 1958, p. 16.

demonstra uma “preocupação do governo em transmitir *in loco* o andamento da construção” (RODRIGUES, 1990, p. 42), ao mesmo tempo que buscava legitimar a construção de Brasília no interior do país quando a empreitada era bastante criticada pela oposição ao governo de JK, sobretudo, por meio do jornal *Tribuna da Imprensa*.

Uma evidência de como os meios de comunicação de massa divulgavam a concretização de Brasília pode ser encontrado em um artigo publicado na revista *Radiolândia* em junho de 1958. Nela, o jornalista Sousa Lima se dizia mais confiante da concretização da construção de Brasília após testemunhar a inauguração da nova Rádio Nacional na cidade em construção. O crítico considerava que a atitude de levar uma rádio para a cidade foi um “golpe publicitário” de JK, visto que o país poderia, a partir de então, “escutar” Brasília. Para ele, isso representava o primeiro ato concreto na futura capital, pois influenciaria no seio da opinião pública, o que demonstrava a “extraordinária força do rádio no Brasil”¹⁰.

Deste modo, Sousa Lima define a nova rádio como o meio encontrado pelo governo JK para demonstrar a viabilidade da empreitada, já que seria algo “concreto” em um grande canteiro de obras de várias possibilidades. A ideia de “golpe publicitário” está em consonância com os discursos do governo da época, pois atribui à rádio a função de solucionadora das desconfianças em relação à transferência da capital.

Entre as várias atribuições da Novacap, sendo a principal executar as obras e serviços de urbanização e construção de Brasília¹¹, pode-se citar o gerenciamento de uma série de ações de divulgação da nova capital, como a compra de anúncios em jornais e a produção da Revista *Brasília*, que era um boletim mensal de prestação de contas em forma de periódico. Após a inauguração da Rádio Nacional de Brasília, além da sua utilização para fins de divulgação da nova capital, o espaço físico da rádio sediou eventos para visitantes e recém-chegados à capital.

Como observado por Rodrigues (1990), essa propaganda no espaço interno do grande canteiro de obras também se operava na rádio. Em determinados números da Revista *Brasília*¹² é possível

¹⁰ LIMA, Sousa. RÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA. *Radiolândia*, Rio de Janeiro, ano V, nº 220, p.3, 21 jun. 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/128848/9770>. Acesso em 15 fev. 2022.

¹¹ Cf Lei nº 2.874, de setembro de 1956. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2874-19-setembro-1956-373749-normaatuizada-pl.html> Acesso em 15 fev. 2022.

¹² Cf NOVACAP. *Revista Brasília*, ano 2, nº18, junho de 1958, p. 24; NOVACAP. *Revista Brasília*, ano 2, nº19, julho de 1958, p. 20; NOVACAP. *Revista Brasília*, ano 2, nº20, agosto de 1958, p. 17; NOVACAP. *Revista Brasília*, ano 2, nº21, setembro de 1958, p. 20; NOVACAP. *Revista Brasília*, ano 2, nº23, novembro de 1958, p. 2.

identificar que palestras e/ou conferências foram realizadas no auditório da Nacional de Brasília para variados grupos em visitação na nova capital. Os eventos, geralmente a cargo do Presidente da Novacap Israel Pinheiro ou diretores da empresa como Iris Meinberg, versavam sobre o governo, o Plano Piloto e o andamento das obras. Dessa maneira, a Rádio Nacional na cidade funcionaria como uma espécie de “antídoto” aos “descrentes” e o governo JK difundia seus ideais e proposições, tanto pelas ondas do rádio como pelas cerimônias informativas realizadas em seus auditórios.

Havia também uma continuação nova Nacional de Brasília de estilos de entretenimento que faziam sucesso na Nacional do Rio de Janeiro. Uma delas era os programas de crônicas radiofônicas. No caso de Brasília, temos as crônicas de Clemente Luz que todos os dias eram interpretadas pelos radialistas Sérgio Dias e Rui Carneiro (LUZ, 1996). Chama atenção que os textos de Clemente Luz, como parte da programação e atendendo ao objetivo da rádio da cidade de divulgar e propagar Brasília, mantinham exacerbado um sentimento ufanista que contribuía para instalar ânimo e lembrar dos ideais nacionais naqueles que construíam diariamente a nova capital. Logo, como parte de uma variedade de dispositivos que falavam sobre Brasília – como jornais, revistas, textos sociológicos de intelectuais do Iseb, cinejornais, entre outros – por meio do rádio, as crônicas de Clemente Luz destinavam-se aos sujeitos que também não dispunham de acesso àquelas fontes de informação e/ou que não sabiam ler. Sendo parte da programação da emissora, esses escritos ajudavam e serviam para divulgar Brasília ao mesmo tempo que se apresentavam também como uma opção de lazer.

Conforme jornais e revistas especializadas da época, como a *Revista do Rádio* e *Radiolândia*, podemos citar entre os programas conteúdos informativos de Brasília com boa recepção por parte dos ouvintes: *Brasília em dia com o mundo*, *Venha conhecer Brasília*, *Notícias de Brasília* e *Você pergunta e nós respondemos*¹³. Esse último foi ao ar para sanar a curiosidade daqueles(as) que desejariam ter mais informações sobre o andamento das obras da futura capital do país, isto é, especialmente para quem não estava em Brasília.

Por outro lado, para o sujeito que estava em Brasília, as atrações locais concentravam-se nos programas de auditório, shows e programas musicais como a *Discoteca do ouvinte* de Zair Cançado. O programa foi de grande sucesso não apenas local como também nacional, fazendo com que a rádio

¹³ Cf RÁDIO: NOTICIÁRIO. *Jornal do Commercio (RJ)*, n° 00248, 1° caderno, p. 6, Rio de Janeiro, 22 jul. 1959. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_14/56107 Acesso em 20 mar. 2022.

recebesse muitas cartas¹⁴. *O dia começa com música*, apresentado por Meira Filho às cinco da manhã, foi outro programa musical de sucesso. A atração passou a ser porta voz do trabalhador como meio de comunicação para quem estava distante, já que esses sujeitos procuravam o locutor para que fosse passado um “alô” aos seus familiares. De acordo com o cronista Clemente Luz (1993, p. 163), nesse alô, “havia recados práticos, manifestação de saudade, autorização para venda de propriedades, cobrança de fidelidade. [...] [Ele] se institucionalizou como forma de comunicação social, foi o responsável por milhares de cartas, recebidas em um ano, pela emissora”.

E foi muito por isso que a rádio investiu em atrações para alcançar esses sujeitos. Além das crônicas, também eram encenadas peças de teatro que possuíam o Brasil desenvolvimentista e/ou a construção da cidade como cenário. A peça *Os pioneiros* foi montada no Auditório da Rádio Nacional no dia 21 de abril de 1959 em homenagem ao povo e a JK. A data escolhida – não por acaso – era o mesmo dia e mês da inauguração de Brasília, demonstrando que rádio estabelecia uma relação próxima com o contexto da construção da cidade, pois essa opção de lazer também se configura como uma das formas de propaganda da nova capital¹⁵.

Nessa mesma perspectiva, *Caçulinha do Brasil*¹⁶ é uma das obras mais famosas do período. A peça teatral, destinada especialmente ao público infantil, foi financiada pelo Ministério da Educação e Cultura e contou com ampla divulgação na época¹⁷. Para o historiador francês Laurent Vidal (2009, p. 273), a peça era destinada “aos futuros cidadãos” e se constituiu como mais uma forma de “vulgarizar o projeto de Brasília”. Ela foi interpretada primeiramente no auditório da Rádio Nacional de Brasília em 1959 e depois retransmitida para todo o país em 5 de setembro do mesmo ano. Ainda de acordo com Vidal (2009), havia também uma história em quadrinhos com o mesmo objetivo de divulgação da

¹⁴ Cf MOVIMENTO. *O Jornal (RJ)*, n° 11984, 2° caderno, p. 2, Rio de Janeiro, 22 set. 1959. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/79470. Acesso em 20 mar. 2022; CRESCE DIA A DIA A AUDIÊNCIA, *Radiolândia (RJ)*, ano VII, n° 313, p. 64, Rio de Janeiro, 02 abr. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/128848/16030>. Acesso em 20 mar. 2022.

¹⁵ Cf MAGGIO, Sérgio. O teatro brasiliense amadureceu e ganhou ares políticos na UnB. In: Tipo assim, *Metrópoles*, 01 abr. 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/tipo-assim/o-teatro-brasiliense-amadureceu-e-ganhou-ares-politicos-na-unb?amp>. Acesso em 08 mar. 2022.

¹⁶ MAGALHÃES, Paulo de. *Brasília, a caçulinha do Brasil: alegoria infantil*. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Teatro, 1959, 35 p.

¹⁷ Cf anúncio com o cartaz da peça em: CINEMAS E TEATROS. In: *Correios da Manhã*, Rio de Janeiro, n° 20364, 1° caderno, p. 12, 15 agos. 1959. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/089842_06/109455. Acesso em 01 abr. 2022.

peça, mas, diferentemente dela, possibilitaria a leitura ou a mesmo a visualização por parte daqueles que não sabiam ler.

Representações sobre rádio na nova capital: Rádio Nacional e a Voz de Brasília

Queremos demonstrar com essa análise da programação da Rádio Nacional de Brasília que o veículo, ao mesmo tempo que realizava o papel de divulgador da cidade, propiciava entretenimento para aqueles que faziam parte da construção. Além disso, a divisão da dessa mesma programação entre atrações para ouvintes locais e nacionais foi apontado por um entrevistado (anônimo) da pesquisa de Heloiza Matos (2010, p. 102): “então tinha uma programação local e outra nacional. Mantínhamos jornais falados, informativos (um existe até hoje e se chama ‘Brasília em dia com o mundo’), onde dávamos um noticiário geral da cidade, uma nacional e uma mundial”.

Antes de mais nada, é preciso ter em mente que trabalhar com memórias é lidar com diversos processos que as constitui como as memórias individuais e coletivas e os enquadramentos que pode haver em uma narrativa (Pollak, 1989). De acordo com Halbwachs (1990), a memória pode se basear não somente na nossa lembrança, mas também nas de outras pessoas, como se “nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitos” (HALBWACHS, 1990, p. 29). Por isso, observamos nas narrativas que compõem este texto exemplos que se repetem, discursos parecidos e sentimentos que se complementam ao narrar a história da rádio.

Como argumenta Michel Pollak (1989), a memória se integra em tentativas de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividades (igrejas, partidos, sindicatos, família etc.) por se tratar de uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. (POLLACK, 1989, p. 9). Nesse sentido, como bem destaca Seixas (2004, p. 53), “lembramos menos para conhecer do que para agir”, pois a memória não é desinteressada e muito menos voltada para o conhecimento puro e descompromissado com o passado, já que possui identificação com os interesses que fazem as pessoas se lembrarem.

No nosso caso, a memória faz com que esses sujeitos lembrem da história da Rádio Nacional de Brasília motivados pelo medo de que a importância da emissora caia no esquecimento e suas participações também sejam esquecidas. Como lembra Le Goff (1990), a memória, na sua dimensão

coletiva, é uma conquista, mas pode ser também instrumento de poder. Ela é “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, seja ela individual ou coletiva”. (LE GOFF, 1990, p. 476).

A Memória não está separada do conceito de discurso, por isso não podemos deixar de citar também que entendemos linguagem a partir de Stuart Hall como um *sistema representacional*. Segundo Hall (2016), na linguagem, usa-se signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos - para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. Assim sendo, "a linguagem é um dos 'meios' pela qual os pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos". (Hall, 2016, p. 18). Ademais, observaremos em algumas entrevistas as tentativas de representações de sons e sentimentos, o que diz muito sobre a linguagem.

Como Roger Chartier no livro *A história cultural: entre práticas e representações* (2002), entendemos que a noção de representação é essencial para o trabalho do historiador. Para Chartier (2002), que se baseia na ligação do conceito com a prática social, a representação deixa ver uma ausência que se diferencia entre aquilo que representa e o que é representado. Ela diz respeito à presença daquilo que se coloca no lugar do outro, como o “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme” (CHARTIER, 2002, p. 31).

Para a historiadora brasileira Sandra J. Pesavento (2003, p. 12), em conformidade com Chartier (2002), “as representações são a presentificação de uma ausência, em que representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”. Segundo a mesma autora (2008, p. 13), “os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre a realidade”. É por isso que as representações não são cópias do real e sim construções feitas a partir dele. Elas fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. Por tudo isso, temos ciência de que as narrativas dos sujeitos analisados nesta segunda parte do artigo sobre a Rádio Nacional de Brasília são a mediação entre aquilo que teria sido e o que essas pessoas construíram como representação desse ter sido, seja de Brasília, da rádio ou de si mesmos.

Como aludido anteriormente e como nos conta a estudiosa Lia Calabre (2004), a Nacional de Brasília manteve a estrutura de programação da emissora do Rio de Janeiro como base nos seus primeiros anos. Assim, um conjunto jornalístico da Nacional do Rio de Janeiro (que contava com

repórteres, redatores e locutores que atuavam em setores de notícias, de serviços e de crônicas) foi transferido para Brasília.

A nova rádio dispunha de um núcleo musical composto por orquestras e grandes maestros que executavam músicas populares. Mesmo diante da variedade de atrações e programas do rádio, bem como desses setores que eram interligados, a música sempre “foi um elemento fundamental dentro da programação de uma emissora [...]”. (CALABRE, 2004, p. 33). Os sujeitos que trabalhavam em seus variados setores - desde técnicos a locutores -, compartilham em suas memórias do enaltecimento da finalidade da Rádio Nacional na nova cidade, fato que deve ser considerado em suas narrativas.

Em entrevista produzida pelo ArPDF na década de 1990,¹⁸ Eduardo Gomes de Faria, que era funcionário da Novacap e cantor contratado da rádio com o nome artístico de Fernando Lopes, narra o que considerava ser o objetivo da rádio para a cidade nova: “A Nacional de Brasília veio pra cá com a finalidade de quê? De divulgar e propagar a construção de Brasília. Ela veio como um apoio, um apoio de divulgação. Então fez, cumpriu a sua missão. E cumpriu muito bem”. (FARIA, 1990, p. 24). Observamos assim que essa representação da emissora como espaço de apoio na divulgação da iniciativa de construir a nova capital (em consonância com os discursos oficiais) e a ideia de propagar aquele evento para o restante do país acabam enaltecendo o papel da rádio naquela década. Além disso, devemos considerar também o local de fala de quem representa, uma vez que se trata de um ex-cantor da emissora. Isso demonstra, como as referências da memória analisadas por Pollak (1989), que a coletividade e o enquadramento da memória a favor de uma memória nacional precisam ser consideradas na análise de discursos.

Nessa perspectiva, em entrevista cedida à Empresa Brasil de Comunicação (EBC) no ano de 2008, em comemoração dos 50 anos da Rádio Nacional de Brasília, a radialista Cleusa Senna relata que havia a necessidade de um órgão de comunicação em Brasília naquele período¹⁹. Como citado anteriormente pelo jornalista Sousa Lima, a ex-locutora do primeiro serviço de alto-falante na Cidade

¹⁸ O Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) possui um Programa de História Oral que foi fundado em 1987 visando ampliar os horizontes das informações contidas nos documentos oficiais do órgão. (ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL, 2015).

¹⁹ A EBC Foi criada em outubro de 2007 para prestar serviços de radiodifusão pública e gerir as emissoras de rádio e televisão públicas federais, entre elas a Rádio Nacional de Brasília. Atualmente também cabe a ela produzir o programa *A Voz do Brasil*, gerenciar a Rede Nacional de Rádio, articular a Rede de Comunicação Pública etc. C/Histórico EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/o-que-e-a-ebc/2012/09/historico>. Acesso em: 02 mar. 2022.

Livre (atual Núcleo Bandeirante) lembra que a Rádio Nacional trouxe um pouco de certeza para aqueles que estavam participando da construção da nova capital da República (SENNÁ, Cleusa; 2008).

Em entrevista também produzida pela EBC, Fernando Lopes destaca a importância da rádio para a construção de Brasília e para o governo JK. Contudo, o cantor atribui uma outra funcionalidade que a rádio foi adquirindo durante as obras: o auxílio aos trabalhadores - notadamente na contratação de mão de obra. De acordo com o artista, “a Nacional foi um pilar para a construção de Brasília porque ela alcançava o Brasil todo e através dela é que nós fazíamos o chamamento para a mão de obra pesada, do homem rude do campo, o peão, o candango. Era preciso lotar essa cidade. E era através da Rádio Nacional que fazíamos isso.” (LOPES, 2008). Logo, o objetivo da rádio consistia em propagar e divulgar Brasília para o resto do país, mas, ao mesmo tempo, prestava-se também aliada na busca mão de obra para a cidade. Destarte, há nessas memórias um enaltecimento da função desempenhada por esses colaboradores da Rádio Nacional de Brasília, no qual são destacadas as suas contribuições para a empreitada, atribuindo às suas funções e da rádio uma ideia de prestação de serviço.

Figura 1: Avenida Central da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante)



Fonte: Mário Fontenelle – Arquivo Público do Distrito Federal (s/d). Localização: BR.ArPDF.NOV.D.4.4.B.1

Contudo, cabe destacar que existia - antes mesmo da inauguração da emissora estatal - uma rádio local na Cidade Livre, chamada *A Voz de Brasília*, que fazia um trabalho de prestação de serviço e entretenimento. Porém, ainda que estivesse presente nas memórias daqueles que trabalharam na Rádio Nacional de Brasília, há poucos trabalhos que se voltam para essa especificidade, causando muitas vezes uma noção de que as imagens que se tem da Cidade Livre, e com isso seus tão lembrados alto-falantes pendurados em postes (ver imagem 1), referem-se à Nacional de Brasília.

Entretanto, as memórias de Cleusa Senna ainda revelam outras representações. Segundo ela, a proximidade dos ouvintes de Brasília com o rádio iniciou-se quando a rádio local foi montada pelo radialista Carlos Senna, no ano de 1957. De acordo com a entrevistada, por ser flexível e prestar serviço social para uma determinada localidade, *A Voz de Brasília* se assemelhava ao que entendemos atualmente por Rádio Comunitária:

Era realmente naquela época a única voz de comunicação que existia na cidade, e era fantástico, porque dali nós podíamos ajudar também na construção, colaborando com os empreiteiros, colaborando com os comerciantes, porque nós fazíamos anúncios solicitando os profissionais e imediatamente eles eram empregados. Então era para nós prestarmos dois serviços: para a empreiteira que precisava de profissional e para os profissionais que chegavam aqui procurando um trabalho (SENNA, Cleusa; 2008).

Há mais uma vez um enaltecimento da atividade desenvolvida naquele período pela rádio (e pela radialista) em suas memórias. Existe quase que uma afirmação de que os serviços foram indispensáveis para a empreitada que estava em curso. Nesse sentido, Cleusa Senna (2008) cita que a rádio tocava músicas, fazia anúncios para comerciantes, prestação de serviço e até oferecimentos: “fulano oferece para fulano e colocávamos... Fazíamos programas especiais... dia das mães, essas coisas todas, nós fazíamos realmente uma programação de rádio” (SENNA, Cleusa; 2008). Conforme o relato, o serviço de alto-falante contava inicialmente com apenas duas cornetas e que posteriormente foram ampliadas posteriormente ao ponto de quase abarcar toda a Cidade Livre.

Para o radialista Carlos Senna, *A voz de Brasília* foi um grande veículo de comunicação já que funcionava como “uma emissora comum, tocava música, anunciava emprego o dia todo. Quem vinha procurar emprego ia direto lá porque lá tinha um balcão de oferta de empregos muito movimentado” (SENNA, Carlos; 2008). De acordo com Mônica Gonçalves Cardoso (2007), a rádio também ajudava no controle e no combate aos incêndios, na divulgação das condições do tempo e das estradas e no

auxílio daqueles que chegavam na Cidade Livre à procura de um conhecido ou familiar. Por todo esse serviço prestado, sendo recorrente nos depoimentos de vários trabalhadores da época, é marcante a menção aos alto-falantes dos postes do atual Núcleo Bandeirante.

Para as pesquisadoras Nathália Mendes e Yvna Sousa (2010), a Rádio Nacional de Brasília está no primeiro parágrafo da radiofonia de Brasília. Todavia, como antes dela havia a pré-história dos alto-falantes na Cidade Livre, a chegada da rádio inaugura uma “história formal” do radialismo na nova capital do Brasil. Não queremos entrar em um discurso centrado em primazias ou de maior importância naquele contexto da construção de Brasília. Entretanto, diante dessas narrativas acerca dos serviços locais prestados pela *A Voz de Brasília* ainda no ano de 1957, ampliados pela Rádio Nacional de Brasília em 1958, observa-se um imaginário que se refere a uma rádio mais próxima do ouvinte na cidade que se construía. Desse modo, “o radinho de pilha” em Brasília é aquele que traz um pouco de entretenimento para corpos cansados da labuta diária de se construir uma cidade-capital, ao mesmo tempo que também auxilia com a prestação de serviços.

Conforme Cardoso (2007, p. 13), “o rádio como um meio com características tão especiais foi fundamental para a comunicação nos primeiros anos de Brasília”. Nessa mesma perspectiva, Mendes e Sousa (2010) expõem que a Rádio Nacional de Brasília se manteve como sinônimo de comunicação na nova capital até a primeira metade da década de 1960. Durante seus primeiros anos, ela atuava fundamentalmente em dois eixos: integração e entretenimento.

Partindo do conceito de *integração*, a Nacional de Brasília continuou trilhando os passos de uma rádio comunitária e funcionava como portadora de recados a serviço dos operários. Se com *A voz de Brasília* esse préstimo era local por conta dos alto-falantes, com a nova emissora esses recados poderiam atingir todo o Brasil.

De acordo com o locutor Mascarenhas de Moraes em entrevista cedida à Cardoso (2007, p. 22), as pessoas “faziam fila para dar recado. O recado era dado por escrito. Havia dois funcionários da rádio que anotavam recados e passavam para o locutor”. Nesse sentido, Fernando Lopes (2008) cita essa abertura de comunicação que a rádio dava aos trabalhadores. Conforme o relato, o apresentador chamava para o palco, em determinados momentos dos programas ao vivo, aqueles que queriam mandar recado por meio da rádio e isso fazia a felicidade de quem precisava se comunicar com seus conhecidos distantes.

Já em sua entrevista ao ArPDF, o cantor também havia mencionado essa abertura aos sujeitos que ele chamou de “peões”. Segundo ele, as mensagens eram para seus locais de origem: “Ó mãe! Aqui sou eu, ó! O Zé! Ó mãe, a senhora é a dona Maria, Maria, que em tal lugar assim, assim. Ó, eu tô bem! Tal. Tô mandando dinheiro!’ O negócio tudo é mandar dinheiro. Que se ganhava dinheiro aqui. E lá no interior a vida era mais difícil” (FARIA, 1990, p. 23).

O entrevistado continua enfatizando essa função da emissora em prestar um serviço de comunicação ao falar da importância dela na construção da cidade: “Porque a tranquilidade que uma família tinha ao ouvir a voz do seu filho, do seu membro, lá no seu Piauí, lá no seu Ceará do mundo, ele ver o filho dizendo aqui que tá bem, isso tranquilizava” (FARIA, 1990, p. 24).

Nesse mesmo sentido de comunicação utilizada pelos sujeitos de Brasília para falar com o restante do país pelo rádio, Ivo Ferreira – técnico que ajudou na instalação da emissora em 1958 – comenta, em depoimento para a comemoração dos 50 anos da rádio, que no dia seguinte à inauguração já começava

aquela fila lá nos estúdios da Rádio Nacional para os candangos poderem levar suas mensagens para a sua família, era aquela fila horrível, sábado e domingo você não contava a quantidade de homem que tinha ali pra falar, todo o nordeste que você pensasse tinha gente: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Piauí, enfim, o mais longínquo nós transmitíamos só os recados dos candangos, eles avisando as suas esposas e filhos que estavam bem, que estavam trabalhando, que tava dando tudo ótimo. E isso foi muitos anos, aproximadamente até o ano de 1960. (Ivo Ferreira, 2008).

Para o mesmo funcionário, o papel maior e essencial da rádio foi servir aos trabalhadores que estavam edificando a capital. Embora os depoimentos citados tendam a uma história quase romântica de enaltecimento do rádio em Brasília, ficam claros nesses discursos os graves problemas de comunicação que a cidade possuía nos seus primeiros anos.

Havia naquela época a questão do baixo nível de alfabetização da maioria dos operários de Brasília. Segundo o Censo Experimental de Brasília de 1959, era de 55% a taxa de alfabetização de pessoas acima de 05 anos no futuro Distrito Federal. Dessa forma, naquela década, a taxa de não alfabetizados no país inteiro ainda era muito alta (IBGE, 1959). Assim, na construção de Brasília, os moradores e trabalhadores se comunicavam apenas por meio de cartas; a exceção ficava por conta da

comunicação dos órgãos do governo, que era feita por radiocomunicação entre os escritórios. Isso fazia com que os não alfabetizados recorressem a terceiros, que cobravam para realizar a escrita delas.

Como dito, o outro eixo do estilo de comunicação da Rádio Nacional de Brasília era o *entretenimento*. Seguindo um padrão de programação que remetia à *era de ouro* do rádio, os programas de auditório fizeram muito sucesso em Brasília, pois artistas de renome passavam pela rádio. Os programas para calouros no “palco” da Nacional de Brasília causaram grande alvoroço. Para Mendes e Sousa (2010, p. 38), esses programas duravam horas e davam a oportunidade para o “povo simples impostar sua voz no rádio. Como já citado, em seus primeiros anos, a nova emissora foi descobrindo sua identidade e sua maneira de fazer rádio: das vinhetas à locução dos apresentadores, a emissora se consolidava e criava, aos poucos, sua marca entre os ouvintes”. Boa parte dessa marca estava associada aos serviços prestados pela emissora, sem deixar de comunicar ao Brasil o andamento das obras da futura capital.

Clemente Luz, em artigo publicado no livro *Jornalismo de Brasília: impressões e vivências* (1993), menciona que a rádio abriu o primeiro canal de comunicação popular entre os trabalhadores das obras e o resto do país, notadamente o Norte e o Nordeste. Segundo o cronista e jornalista, destinada a levar entretenimento aos trabalhadores, através de suas sequências e de seus programas de auditório “a emissora dirigida inicialmente por Leoni Mesquita e, em seguida, por Edmo do Valle, se transformou no primeiro órgão de imprensa, com atuação direta no nascente Distrito Federal” (LUZ, 1993, p. 159).

O aparelho dos “reis” numa cidade em construção: o rádio em Brasília

O aparelho de rádio é substancial na medição do possível alcance da Rádio Nacional de Brasília na nova capital em construção (1958-1960). Em depoimento cedido à pesquisadora Patrícia Leite no livro *Luz-Capital: o surgimento da televisão em Brasília contada a partir dos sujeitos da ação* (2009), o jornalista Adirson Vasconcelos, que chegou em Brasília nesse período, afirma que “O rádio de pilha só sintonizava a Rádio Nacional. Tinha uma programação muito boa. Tocava músicas de Luiz Gonzaga, transmitia noticiário” (VASCONCELOS *apud* LEITE, 2009, p. 52). O jornalista expõe na sua narrativa a ideia de que a programação da rádio era bem recebida pelo ouvinte local por conta da variedade. Além disso, ele sugere que os rádios da época não eram potentes o suficiente para sintonizar outras rádios, o que é significativo, pois diz respeito à disponibilidade e o tipo de aparelho mais utilizado na cidade.

Nesse sentido, alguns depoimentos do ArPDF mencionam a presença do rádio em Brasília como opção de lazer. O servente de pedreiro José Irismar Soeiro, em entrevista cedida ao arquivo em 1990, aborda, assim como Vasconcelos, os tipos de aparelhos presentes na construção da nova capital:

Era radiozinho desses de duas pilhinhas, dessas pequenininha. Não tinha potência, não tinha nada, era só local. Talvez até influenciasse pra alguma política, não sei. Mas não pegava nada não. Aí depois aparecem aqui um tal de Transglobo, um rádio que já saiu de fabricação. Esse era lá potente, [...] mas naquele tempo não, era aqueles radiozinhos pequeno, quem tinha um daquele era rei, porque era vendido a preço de ouro aqui. (SOEIRO, 1990, p. 26).

Em suas memórias, o entrevistado sugere que o problema de captação do sinal de outras rádios pudesse ter relação com algo político, o que volta a sugerir o elo da Rádio Nacional de Brasília com o governo JK. Ao mencionar as notícias transmitidas pelo rádio, ele afirma que só se ouvia a Rádio Nacional de Brasília e que eram citadas apenas informações positivas da cidade: “Ela só punha programa de apoio a Brasília. Não saía nem uma notícia que desabonasse Brasília, nem essa morte, nem calamidade, nem nada, nem nada. Fora disso, meu filho, era só Luiz Gonzaga... Luiz Gonzaga” (SOEIRO, 1990, p. 26). Dessa maneira, sugerindo uma ligação entre a rádio e o Estado, o entrevistado se queixa do fato de que não era possível, por meio da rádio local saber das dificuldades e dos problemas que ocorriam no canteiro de obras, pois apenas eram veiculadas informações favoráveis. Cabe lembrar que os programas que informavam ao povo sobre os problemas enfrentados pela cidade, como o radiojornalismo policial, somente começaram a ser produzidos na década de 1960.

O Censo Experimental de Brasília de 1959 traz um panorama da quantidade de rádios em Brasília. Porém para se dimensionar a presença deles na cidade, deve-se levar em consideração algumas questões: 1) só foram apresentados dados dos domicílios particulares que tinham até três grupos familiares. Não foram computados pelo censo as residências coletivas com mais de três grupos familiares, grupos conviventes ou, simultaneamente, grupos familiares e grupos conviventes, como pensões e hotéis; 2) os ouvintes poderiam se utilizar de um mesmo aparelho, especialmente os portáteis; 3) os aparelhos dos estabelecimentos comerciais serviam a mais de uma pessoa.

Posto isso, observa-se nesse estudo uma maior concentração de rádios nos principais acampamentos da Região Central de Brasília, com um total de 42%, especialmente na Zona Sul no Plano Piloto, onde 77% das casas possuíam o aparelho. (IBGE, 1959). Essa região também detinha uma maior quantidade de residências com geladeiras, o que explicita um padrão de vida mais alto, pois,

segundo o Censo, a localidade era composta, sobretudo, pelos trabalhadores que dispunham do maior rendimento mensal de Brasília. De acordo com Heloiza Matos no livro *Memórias de Brasília: primeiros habitantes, narrativas da mídia e laços comunicativos* (2010, p. 102), “nessa área, viviam os engenheiros e o pessoal da administração da Novacap, em casas de madeira dentro dos acampamentos da obra ou nas casas de alvenaria da Fundação da Casa Popular”.

Os núcleos estáveis e a Zona Rural apresentam um número mais baixo de aparelhos, fossem de pilha ou dependente de energia elétrica. O Bananal, também chamado de Vila Amaury, tem o pior índice, pois era uma localidade com famílias mais humildes. A vila teve que ser realocada antes mesmo da inauguração da cidade. Isso ratifica a narrativa do servente Irismar Soeiro de que o rádio era caro e artigo de luxo em Brasília naquele período. Em contrapartida, a Cidade Livre, que era o principal centro de comércio, serviços e lazer da região, possui bons índices. Por fim, como destaca o estudo, constatou-se uma média de uma residência com rádio a cada quatro domicílios recenseados, o que representava uma quantidade razoável de proprietários do aparelho.

No que diz respeito aos aparelhos dos estabelecimentos comerciais, a historiadora Lia Calabre (2002), na tese de Doutorado *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil (1923-1960)* que investiga o papel social cumprido pelo rádio do seu surgimento à década de 1960 no Brasil, explica que as pessoas que não dispunham de aparelho-receptor passaram a ter contato com o veículo, pois “era uma prática comum que bares e armazéns mantivessem aparelhos de rádio ligados durante todo o dia e sintonizados nas estações de maior preferência popular com o intuito de atrair a freguesia” (CALABRE, 2002, p. 105). É possível imaginar que essa prática se manteve em Brasília, já que o rádio ainda desfrutava de grande espaço naquela década, como aludiu o servente Irismar Soeiro ao se referir às músicas de Luiz Gonzaga nos bares da cidade.

Quanto a esse gosto musical da população em Brasília, não podemos esquecer, como apontou Reinaldo de Lima Reis Júnior na dissertação *Cidade, trabalho e memória: os trabalhadores da construção de Brasília* (2008, p. 73), que a programação de rádio também pode ser analisada como um “veículo de imposição e determinação do gosto popular”. Isso explica o fato de tantos sujeitos que trabalharam em Brasília citarem em seus depoimentos Luiz Gonzaga, que parece ter sido escolhido como representante do gosto musical daquele momento, como demonstram os discursos de José Irismar Soeiro e Adirson Vasconcelos.

Um entrevistado da investigação de Matos (2010, p. 103) destaca outra especificidade que pode ter contribuído para um maior número de ouvintes de rádio em Brasília: o serviço de alto-falantes nos acampamentos: “quem tinha rádio de pilha ficava com ele no ouvido. Os próprios acampamentos tinham um serviço interno de alto-falantes, que era ligado das 5 às 7 da manhã e na hora do almoço”. Nesses horários de refeições dos trabalhadores havia maior quantidade de ouvintes da Rádio Nacional de Brasília.

Desse ponto de vista, Clemente Luz (1996), ao narrar o trabalho de leitura das suas crônicas na rádio na hora do almoço, também em entrevista ao ArPDF, cita que a audiência era certa, não apenas nos acampamentos, mas também nos refeitórios: “Alto-falante nos refeitórios, os camaradas tão lá almoçando e o Sérgio Dias e Rui Carneiro, que liam minha crônica [...]” (LUZ, 1996, p. 9). Assim, o discurso de Clemente Luz converge com outras narrativas avaliadas de que não apenas se ouvia muito rádio como “só” se ouvia a Nacional de Brasília.

No que diz respeito ao lazer por meio do rádio, Matos (2010, p. 101) afirma que a exposição aos meios de comunicação é significativa, especialmente quando observados em conjunto “todos os veículos de massa, com ênfase maior na frequência ao cinema e audiência da rádio, ocupavam 25% do tempo livre” dos trabalhadores. Para ela, outras opções que se destacam consistem na reunião com amigos (28%) e permanência em suas residências ou alojamentos com suas famílias (25,56 %).

Em sua pesquisa, Gustavo Linz Ribeiro (2008) introduz outras opções de lazer identificadas em Brasília naquele período. Podemos citar a zona de prostituição e algumas sessões de cinema na Cidade Livre, sendo que alguns acampamentos também possuíam pequenos auditórios e clubes, jogos de futebol, baralho e a tão proibida e temida cachaça. Diante disso, o levantamento feito por Matos (2010) é significativo se consideradas as opções de comunicação de massa mais importantes da época. Destacamos a Rádio Nacional de Brasília como mais uma opção de lazer, pois seu objetivo inicial era ser um meio de comunicação para divulgar e propagar Brasília em conformidade com a ideologia do governo JK, o que possibilitou também, por meio da sua programação, o entretenimento dos operários que construíam a cidade.

Considerações finais

Neste texto, em um primeiro momento, foi possível observar que o final da década de 1950 ainda era de ampla afirmação do rádio como comunicador de massa e por isso foi utilizado também

como veículo divulgador da iniciativa de construir Brasília. Analisa-se no estudo a relevância do rádio como meio de comunicação no Brasil e como ele foi aproveitado politicamente no governo de Juscelino Kubitschek.

A Rádio Nacional (do Rio de Janeiro) cumpriu nos primeiros anos da construção de Brasília a tarefa de ser uma divulgadora dos ideais do governo - sobretudo pelo programa *A Voz do Brasil* - e do andamento das obras da nova capital. Logo, tendo isso em mente, analisamos a ideia e utilização da Rádio Nacional de Brasília dentro dos grandes canteiros de obras que era a cidade naquele momento, já que a nova emissora foi inaugurada em 1958.

JK utilizou-se da Rádio Nacional de Brasília para divulgar e propagar a nova capital, mas foi possível constatar, por meio das narrativas das fontes de quem participou do período, que ela foi um meio de entretenimento e apoio destinado, sobretudo, aos moradores e trabalhadores locais.

A partir das memórias de quem viveu o período é possível perceber a importância do aparelho de rádio para os sujeitos que estavam em Brasília (mesmo que ainda em construção) a partir de interações simples como escutar um “Alô” enviado para familiares distantes, saber das vagas de empregos nas construtoras, ouvir as novidades da empreitada “faraônica”, escutar as crônicas de Clemente Luz que eram interpretadas diariamente, ou mesmo apenas ouvir as músicas famosas da época. Segundo os relatos, a rádio trouxe a certeza de que a cidade seria finalizada.

Cabe destacar também que a Rádio Nacional de Brasília procurou buscar o contato mais próximo com o seu ouvinte, fosse pelos “radiozinhos” (a maioria de pilhas) ou presencialmente nos seus variados programas de auditório.

Ao longo da segunda parte deste artigo buscou-se analisar as representações de alguns sujeitos que participaram da construção da cidade ou mesmo que trabalharam na Rádio Nacional de Brasília. Essas memórias são muito importantes para compreender o período e analisar as relações sociais que se estabeleciam em Brasília, os serviços que eram ofertados aos trabalhadores, bem como as opções de lazer daquele período de trabalho intenso e de ritmo acelerado. Contudo, procuramos demonstrar nas análises que a narrativas desses sujeitos não são cópias do real acontecido, mas sim construções projetadas a partir dele. Assim sendo, os relatos de experiência dos entrevistados e das entrevistadas são a mediação entre aquilo que teria sido e o que foi construído como representação desse ter sido,

seja da Rádio Nacional de Brasília – nosso recorte principal –, da nova capital ou de si mesmos como sujeitos da história.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Guia [do] Arquivo Público do Distrito Federal. Brasília: O Arquivo**, 2015.
- BIZELLO, Maria Leandra. Cinejornais nos anos dourados: JK e Brasília em imagens em movimento. In: **XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007, São Leopoldo-RS. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: Oikos, 2007. v. 24. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/29-snh24>. Acesso em 25 mar. 2022.
- CALABRE, Lia. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil, 1923-1960**. 2002. 276 f. 1v. Tese (Doutorado em História) Curso de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **A era do rádio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CARDOSO, Mônica Gonçalves. **Os primeiros anos do rádio em Brasília**. 2007. 38 f., il. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. 2ª Ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- FARIA, Eduardo Gomes de. **Depoimento - Programa de História Oral. Brasília**, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990.
- FERREIRA, Ivo. (áudio) **Rádio Nacional de Brasília**, Acervo EBC/DF, 2008.
- GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- IBGE – INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Experimental de Brasília**, Comissão Censitária Nacional, 1959.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. **Discurso na inauguração da emissora Rádio Nacional de Brasília**. Brasília, Biblioteca da Presidência da República, 31 e maio de 1958.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Senado Federal: Conselho Editorial, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEITE, Patrícia. **LUZ-CAPITAL: O surgimento da televisão em Brasília contada a partir dos sujeitos da ação – Uma história oral que morre diariamente**. Brasília-DF, 2009.
- LOPES, Fernando. (áudio) **Rádio Nacional de Brasília**, Acervo EBC/DF, 2008.

- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUZ, Clemente Ribeiro da. **Depoimento - Programa de História Oral. Brasília**, Arquivo Público do Distrito Federal, 1996.
- LUZ, Clemente. Radiojornalismo. In: SINDICADO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO DISTRITO FEDERAL. **Jornalismo de Brasília: impressões e vivências**. Brasília: Lantana Comunicação, 1993. p. 159-171.
- MAGALHÃES, Paulo de. **Brasília, a caçulinha do Brasil: alegoria infantil**. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Teatro, 1959.
- MATOS, Heloiza. **Memórias de Brasília: primeiros habitantes, narrativas das mídias e laços comunicativos**. São Paulo: Plêiade, 2010.
- MENDES, Nathália; SOUSA, Yvna. **É bom viver Nacional: vidas sintonizadas em 980 kHz**. Brasília, 2010.
- NOVACAP. **Revista Brasília**, ano 2, nº18, junho de 1958, p. 16.
- OLIVEIRA, Márcio de. O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas. **Sociedade e estado**, v. 21, n. 2, p. 487-512, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a08v21n2.pdf>. Acesso em 14 mar. 2022.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em 14 mar. 2022.
- REIS JÚNIOR, Reinaldo de Lima. **Cidade, trabalho e memória: os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960)**. 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Editora da UnB, 2008.
- RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília**. 1990, 257 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 1990.
- SALVADOR, Roberto. **A era do radioteatro: o registro da história de um gênero que emocionou o Brasil**. Gramma, 2016.
- SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: Bresciani, S.; Naxara, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora UNICAMP, 2004. p. 37-58.
- SENNA, Carlos. (áudio) **Rádio Nacional de Brasília**, Acervo EBC/DF, 2008.
- SENNA, Cleusa. (áudio) **Rádio Nacional de Brasília**, Acervo EBC/DF, 2008.
- SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. 2ª edição. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1985.

SOEIRO, José Irismar. **Depoimento - Programa de História Oral. Brasília**, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990.

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: fábrica de ideologias**. São Paulo: Ática, 1978.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)**. Trad. Florence Marie Dravet. Brasília: UnB, 2009.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. 2010. 242 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.